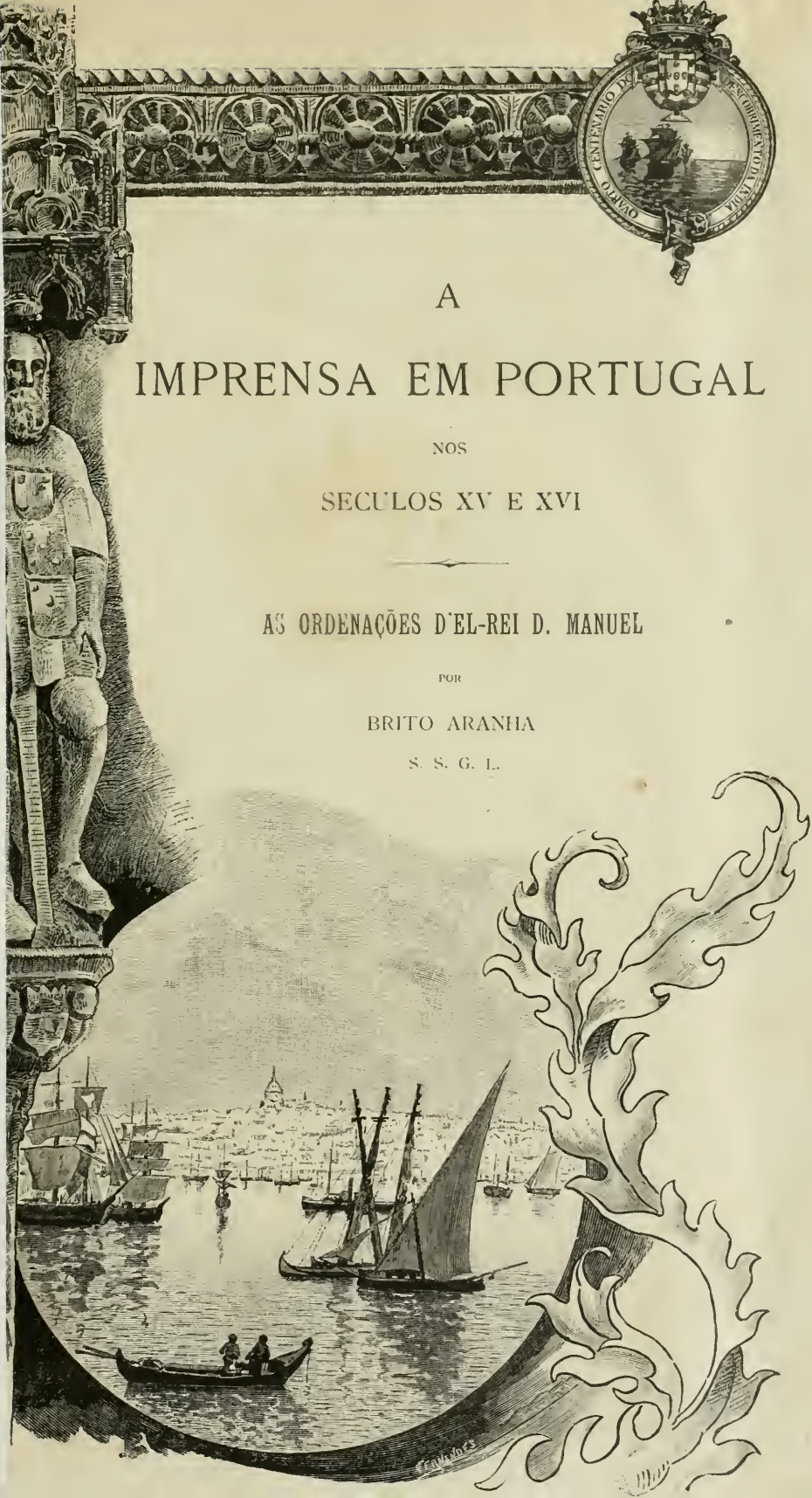
Brito Aranha, Pedro Wenceslau de
A imprensa em Portugal nos
seculos XV e XVI

QUARTO CENTENARIO DO DESCOBRIMENTO DA INDIA
A
IMPRENSA EM PORTUGAL
NOS
SECULOS XV E XVI
AS ORDENAÇÕES D'EL-REI D. MANUEL
POR
BRITO ARANHA
S. S. G. L.

A IMPRENSA EM PORTUGAL

NOS

SECULOS XV E XVI

JUSTIFICAÇÃO DA TIRAGEM

---

3 exemplares em papel de linho branco nacional
1:000 em papel de algodão de 1.ª qualidade

QUARTO CENTENARIO DO DESCOBRIMENTO DA INDIA

CONTRIBUIÇÕES
DA
SOCIEDADE DE GEOGRAPHIA DE LISBOA

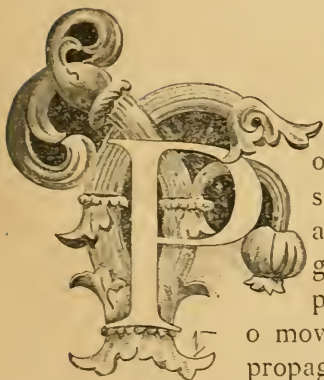
A IMPRENSA EM PORTUGAL NOS SECULOS XV E XVI

AS ORDENAÇÕES D'EL-REI D. MANUEL

POR

BRITO ARANHA
S. S. G. L.

LISBOA
IMPRENSA NACIONAL
1898

I

PORTUGAL no seculo XV, não foi grande só porque com as suas caravellas abriu os mares nunca d'antes navegados, mas tambem por que foi das primeiras nações que acompanharam o movimento da civilisação, recebendo e propagando á nova luz que vinha alumiar o mundo inteiro com a maravilhosa invenção da imprensa.

Se queremos para nós, e ninguem nol-o póde contestar, a gloria do mais portentoso descobrimento, — o do caminho maritimo para a India —; e se podemos gabar-nos de ter dado ao mundo novos e poderosos elementos de progresso; não deixemos passar a opportunidade sem divulgar, mais uma vez, que desejâmos igualmente estar ao lado dos primeiros que cooperaram com energia e enthusiasmo para a diffusão da arte magica de Guttenberg.

Quer dizer, que não queriamos parar, nem nas glorias, nem nos progressos!

A luz, por ser viva e intensa, não nos cegava, nem nos desmemoriava do que deviamos ás demais nações no caminho e no culto da civilisação!

Não deviamos de ser sómente ousados e energicos nos perigosos e arriscados lances das navegações e das conquistas; era mister que tambem fossemos valorosos nas luctas da paz, e assim firmavamos, entre os povos de maior nomeada, o nome glorioso adquirido á custa de esforços e de sacrificios.

Cabe-nos, portanto, termos desde logo o nome de Portugal ligado ao movimento progressivo representado no estabelecimento da imprensa. Ainda não tinha findado o seculo XV, e começava a discorrer o seculo XVI, e já tinhamos a trabalhar imprensas em Lisboa, Leiria e Braga; e durante o seculo XVI o movimento industrial tornou-se tão notavel, que, para corresponder ao movimento intellectual que queria alcançar os beneficios da maravilhosa arte, vemos estabelecidos prelos, com mais ou menos actividade, segundo a importancia que esses podiam ter nas respectivas localidades, em Evora, Coimbra, Alcobaça, Setubal e outras terras.

E em tal conta el-rei D. Manuel teve essa arte, e tão importante a julgou pelo seu fulgurante clarão, que aos que a exerciam concedeu, como é sabido, privilegios e isenções que por então eram regateados e só concedidos ás pessoas de nobre estirpe.

O numero de edições saídas dos prelos portuguezes, no discorrer, pois, do seculo XVI, talvez que se aproxime de 1:000!

Admiravel contribuição de Portugal no que mais podia levantal-o no conceito do mundo inteiro!

Mas, se vimos o desenvolvimento notabilissimo que teve para logo a imprensa na metropole, apregõe-se que os portuguezes levaram ao Oriente com o seu heroismo e com a santa luz da evangelho a nova e nobre luz que derramavam os prelos.

Assim pelo meado seculo xvi lá temos a impressão em Goa, e durante o mesmo seculo registam-se na historia particular da India portugueza muitas obras, quasi todas de intuito religioso, como o *Cathecismo* de S. Francisco Xavier. Faça-se, porém, excepção dos *Coloquios* de Garcia d'Orta, cuja primeira edição saíu dos prélos de Goa em 1563.

Note-se que, ao passo que levavamos os prodigios da nova invenção a muitas das principaes terras do reino e até ás possessões ultramarinas, a arte typographica era exercida com esmero; e, se pudessemos apresentar agora uma resenha das edições, que saíam dos prelos portuguezes, teriamos a mais cabal demonstração de que não se demorou, entre nós, a introducção dos melhores processos de imprimir e de que na bibliographia portugueza dos seculos indicados existem verdadeiros primores, não só com relação propriamente á typographia, mas tambem á arte congenere — a gravura.

Em muitas publicações avulso, algumas *leys* (1504-1512), a *Grammatica* de João de Barros (1539), o *Livro dos remedios contra os sete pecados mortaes* (1543), *Narração de naufragios* (1554), e em outros, que por brevidade omitto, porque a relação é extensa, vêem-se estampas e uma variedade de portadas e tarjas ornamentaes, que muito encantam os olhos e a alma, e dão a mais perfeita idéa do adiantamento e do esmero das artes graphicas.

Os elementos da erudição não me faltam.

Junte-se a estas ligeiras e succintas indicações, a nota da belleza com que se imprimiram as *Ordenações* d'el-rei D. Manuel em varios periodos do seculo xvi, e acima de todas a edição completa de 1514, de extraordinaria nitidez, como póde verificar quem se der ao trabalho de examinar os dois raros exemplares que existem na bibliotheca nacional de Lisboa, na sala dos reservados. Um d'esses exemplares, principalmente, está no mais escrupuloso estado de conservação. Parece que saíu dos

prelos modernos. Esta edição é acompanhada de estampas e d'ellas dou adiante nitida reproducção photolithographica.

Posso affirmar, sem medo da contradicta, que conquistámos, e temos mantido sempre, bom e distincto logar na historia universal da imprensa, logo pouco depois do seu descobrimento. Accentue-se isto para os que ainda o ignorem.

As primeiras edições das *Ordenações* de el-rei D. Manuel, por sua raridade, deram origem a uma conversação crítico litteraria de summo interesse, que entendi que devia de deixar nas paginas do *Diccionario bibliographico*, cujo tomo XVII (oitavo dos meus estudos), tenho nos afamados prelos da imprensa nacional de Lisboa em adiantada impressão. Passo para este opusculo, singela contribuição na grandiosa solemnidade do quarto centenario do descobrimento do caminho maritimo para a India, algumas d'essas paginas relativas ás *Ordenações*.

II

Tito de Noronha (hoje fallecido), que foi esmerado escriptor e bibliophilo, distincto e íntimo do abalisado collecionador e benemerito das lettras, visconde de Azevedo, dedicava-se a investigações bibliographicas de valor, e mandou imprimir, no Porto, um opusculo ácerca das *Ordenações* manuelinas. Foi bom serviço e de tal ordem que o sr. Martins de Carvalho, no *Conimbricense,* e o fallecido bacharel José Ribeiro Guimarães, no *Jornal do commercio,* quasi ao mesmo tempo e sem combinação de especie alguma, só pela importancia do assumpto, entenderam que deviam entrar na crítica sisuda do opusculo, e publicar o resultado das suas impressões e estudos. Ora, o assumpto, de grandissimo alcance bibliographico, historico e artistico, merecia isso.

Por esta mesma rasão, entendi que, por serem os artigos conscienciosos e de valor litterario, os devia reproduzir aqui, como documentos que não deviam perder-se, nem ficarem esquecidos nas folhas de uma publicação periodica, sem que existisse nenhuma indicação que os memorasse.

Principiarei pelo *Conimbricense,* que é o n.º 2:475 de 15 de abril de 1871. Leia-se:

«*Edição de 1512.*— Ácerca d'esta edição, cuja existencia tanto tem sido affirmada por alguns escriptores, como negada por outros, é o sr. Tito de Noronha de

opinião, que nunca existiu, não obstante o ler-se na edição de 1514 — *Noũamente corregido na segũnda ẽpressam.*

«*Edição de 1514.*— D'esta rara edição diz o sr. Tito de Noronha:

> «*Edição de 1514.*—Este antigo monumento da nossa legislação é quasi desconhecido dos bibliographos, o que áliás não admira vista a carta repressiva de D. Manuel.
>
> «Alem do exemplar em pergaminho ainda existente no archivo nacional, não conhecemos outro em logar determinado, apesar de que José Anastacio de Figueiredo, na *Synopsis,* v. 1, pag. 254, diz que lhe constava haver mais quatro no reino, dos quaes vira um.
>
> «É certo, porém, que na bibliotheca publica do Porto, estabelecimento mais rico em monumentos bibliographicos do que se poderá presumir, existiu um exemplar da edição de 1514, o qual desappareceu, ou por estar fóra do seu logar proprio, se não encontra agora.
>
> «Daremos, pois, minuciosa descripção d'este monumento quasi desconhecido.»

«Como addicionamento ao que escreve o sr. Tito de Noronha devemos dizer, que na bibliotheca da universidade de Coimbra ha, em perfeito estado de conservação, os dois volumes das Ordenações de D. Manuel, impressas em Lisboa no anno de 1514, por João Pedro Bonhomini, de Cremona.

«Tambem na bibliotheca de Evora ha a edição das Ordenações de 1514, mas falta-lhe o primeiro volume. O segundo volume, que ali existe, consta dos livros terceiro, quarto e quinto.

«*Edição de 1521.*— Está exacta a noticia que o sr. Tito de Noronha dá da edição feita em 1521 por Jacob Cronberger; sendo o primeiro, segundo e quarto livros impressos em Evora; e o terceiro e quinto em Lisboa.

«Esta edição vem a ser a primeira da segunda compilação das Ordenações, mandada fazer por el-rei D. Manuel.

«*Edição de 1526.*— O sr. Tito de Noronha commetteu um grande erro, quando negou positivamente a exis-

tencia da edição de 1526, feita em Lisboa por Germano Galhardo, e a que chama *edição apocripha*. Sem duvida foi a isso levado pelo que anteriormente disseram alguns escriptores a tal respeito.

«Diz o sr. Tito de Noronha:

«*Edição apocripha de 1526.*—Na *Synopsis chronol.*, vol. I, pag. 259, diz-se que em Lisboa a 27 de julho de 1526 acabára Germão Galharde a 2.ª edição da segunda compilação das *Ordenações*: no prologo d'ella, da edição de Coimbra de 1797, a pag. XXVIII, diz-se a mesma cousa, designando igual data. Barbosa, na *Bibl. Lus.*, já dissera o mesmo e outros o repetiram. O facto foi contestado, e houve rasão para sel-o.

«Deu origem ao engano a existencia de um exemplar, que nos persuadimos unico, e existente na bibliotheca da universidade de Coimbra.

«Junto ás *Ordenações* de 1521 encontra-se encadernado um exemplar da *Ordenaçam da ordem do juizo*, impresso em Lisboa por Germão Galharde em 1526. Barbosa, ou o seu pouco consciencioso informador, tomou a data da subscripção final da ultima obra pela da primeira, da qua se contentou em ver o rosto, bem como da ultima se não cansou muito a ler a subscripção.

«A *Ordenaçam da ordem de juizo* é *in-folio*, impressa em caracteres ditos gothicos, e apenas consta de 10 folhas,, isto é, 20 paginas. A subscripção final é a seguinte, que transcrevemos fielmente:

«Foi impressa esta ordenaçam da ordem de juizo per «mãdado delRei nosso Senhor em a çidade de Lisboa. A «vinte e sete dias do mes de Julho de mil e quinhentos e «vinte e seis annos. Per Germam Galharde Deo Gra-«cias.»

«A data é a mesma que se attribue á tal edição das *Ordenações* do reino, *2.ª edição da 2.ª compilação*, e a que se refere o desembargador Ferreira Gordo.

«Persuadimo-nos que não é preciso insistir nem acrescentar mais, para que se elimine da lista das *Ordenações do Reino* a edição de 1526, que só um equivoco produziu.»

«Em contrario do que diz tão affirmativamente o sr. Tito de Noronha e d'aquelles que foram de igual opi-

nião, podemos contrapor um volume, contendo os cinco livros das Ordenações de D. Manuel, impressos por Germam Galharde, o qual temos presente, e que pertenceu ao erudito João Pedro Ribeiro.

«No fim do primeiro livro d'essa edição das Ordenações, lê-se o seguinte: — *Aqui acaba o primeiro liuro das ordenações. Foi impresso em a çidade de Lixboa por Germão Galharde. Frances.*

«Identica declaração se lê no fim dos livros segundo, terceiro e quarto.

«Falta-lhe a ultima folha, aonde deveria estar a data; mas, alem de ter no frontespicio, por letra manuscripta do sabio João Pedro Ribeiro — Lisboa, Germam Galharde, 27 julho 1526 — acresce que n'esse mesmo dia, mez e anno imprimiu Germam Galharde a *Ordenaçam da ordem do juizo,* em igual typo, formato e papel.

«Seja como for, o que não póde ter duvida nenhuma, é a existencia de uma edição feita em Lisboa por Germam Galharde, porque a temos á vista, apesar do sr. Tito de Noronha lhe chamar *apocripha.*

«Já o escriptor José da Silva Costa quiz contestar a affirmativa de monsenhor Ferreira Gordo, ácerca da existencia da edição de 1526. Dizia José da Silva Costa, que monsenhor Ferreira Gordo se havia enganado, porque tendo visto um exemplar da *Ordenação da ordem do juizo* (impressa em 27 de julho de 1526, por Germam Galharde) addicionado a um exemplar das Ordenações da edição de 1521, tomára por data da edição das Ordenações, o que o era de differente publicação.

«Quem, porém, se enganou foi o crítico José da Silva Costa; porque comquanto seja verdadeiro o facto, como já ocularmente tivemos occasião de verificar, de estarem encadernadas em um mesmo volume, as duas mencionadas publicações de 1521 e 1526; tambem é certa a existencia em separado, como asseveramos da edição das Ordenações de Germam Galharde.

«Convem, portanto, tomar nota do que dizemos aqui, para se rectificar este erro notavel, no caso em que o sr. Tito de Noronha venha a fazer segunda edição do seu opusculo.

«E isto é tanto mais necessario, quanto quem ler desprevenidamente o prologo do opusculo do sr. Tito de Noronha, póde ser levado a crer que as suas investigações são a ultima palavra ácerca d'esta materia, e que o illustre bibliographo vem completamente corrigir tudo quanto erradamente se tem escripto com respeito ás differentes edições das Ordenações de D. Manuel.

«N'esse prologo diz o sr. Tito de Noronha o seguinte, para fazer notar a leviandade com que andaram os precedentes investigadores:

> «O estudo das *Ordenações* d'el-rei D. Manuel, sob o ponto de vista bibliographico, não estava ainda feito, e muito principalmente no tocante á edição primitiva.
>
> «O abbade Barbosa dá indicações pouco seguras e desenvolvidas: os que se lhe seguiram, não se cansaram em investigações, contentando-se com o testemunho d'elle: e, todavia, tratava-se de um codigo, que apesar das suas transformações, foi lei do estado por mais de tres seculos, e um dos primeiros codigos das sociedades modernas.
>
> «Brunet, no *Man. du Libr.*, referindo-se á edição de 1514, diz: «Récueil très rare. Nous ignorons la date de la première édition», no que bem se conhece que não viu o livro. Nos prologos das edições *Manuelinas* pouco se diz que satisfaça para a historia typographica d'ellas. Ferreira Gordo, J. Pedro Ribeiro e J. A. de Figueiredo espraiaram-se em hypotheses, sem previo exame das edições: e tão embaralhada estava a questão, que o sr. Innocencio, tão cauteloso e consciencioso investigador, no artigo respectivo do seu precioso *Diccionario bibliographico,* não logrou resolvel-a, se é que tentou fazel-o.
>
> «Ainda recentemente na *Introducção do codigo civil ordenado alphabeticamente* e dado á estampa em 1870, introducção em que se descrevem as successivas transformações do nosso codigo, não se menciona a edição das *Manuelinas* de 1514, quando é certo que esta compilação

de Ruy Botto é um importante monumento para a historia da nossa legislação.

«Tambem é notavel a insistencia com que se tem dito que as *Ordenações* de D. Manuel apenas eram incompleto esboço de legislação, quando é certo que o codice existia na livraria d'aquelle rei, e hoje se encontra publicado nos *Monumenta historica.*»

«*Edição de 1539.*— Esta edição foi feita em Sevilha por João Cronberger, provavelmente filho do impressor Jacob Cronberger, que havia feito a edição das Ordenações em 1521, nas cidades de Evora e Lisboa.

«A noticia que o sr. Tito de Noronha dá d'esta edição está exacta. Como curiosidade bibliographica devemos fazer notar, que nos livros primeiro, segundo, terceiro e quarto, se declara que foram impressos em Sevilha por João Cronberger, e no quinto não se faz declaração nenhuma a esse respeito, limitando-se o impressor a reproduzir ahi o mesmo final que está na edição de 1521 por Jacob Cronberger.

«O sr. Tito de Noronha, querendo rectificar o que o erudito Antonio Ribeiro dos Santos refere do impressor Jacob Cronberger, diz, entre outras coisas, o seguinte:

«Emquanto á edição de 1539, nem é a terceira edi-
«ção da segunda compilação, nem foi impressa por
«Jacob.»

«Relativamente ao impressor, não ha duvida que se enganou Antonio Ribeiro dos Santos, pois que foi João e não Jacob Cronberger; no que respeita, porém, á numeração da edição, enganou-se o sr. Tito de Noronha e mesmo Ribeiro dos Santos. A edição de 1539 é effectivamente a terceira da nova compilação, pois que a primeira foi a de Jacob Cronberger em 1521, a segunda a de Germam Galharde em 1526; e portanto a terceira a de João Cronberger em 1539. E assim ficam sendo verdadeiras as palavras — *terceira impressam* — que se lêem n'esta ultima edição.

«A não existir a edição de Germam Galharde, como havia de conciliar o sr. Tito de Noronha a declaração de *terceira impressam*, que se lê na edição de 1539?

«*Edição de 1565.*— Esta edição foi feita em Lisboa pelo impressor Manuel João.

«A noticia que d'ella dá o sr. Tito de Noronha tambem está exacta. Apenas ha umas pequenas incorrecções no privilegio, que reproduz no seu opusculo, e que se lê no fim d'esta edição de 1565, passado a favor do livreiro Francisco Fernandes. Alem de outros lapsos, ha ali a falta de um periodo.

«N'esta edição de 1565 se diz que é a *quarta impressam;* o que vem outra vez confirmar que a primeira edição da nova compilação é de 1521, a segunda de 1526, a terceira de 1539 e por consequencia a quarta de 1565.

«O sr. Tito de Noronha termina o seu trabalho pela seguinte fórma:

> «*Conclusão.*— Resumindo o que temos dito, concluiremos fazendo resenha resumida, com relação ás edições conhecidas e suppostas das *Ordenações* de D. Manuel, do seculo XVI.
>
> «Edição de 1512 — não existiu
>
> «Edição de 1514 — impressa por João Pedro de Cremona. Alem do exemplar impresso em pergaminho, existente no archivo real, ha outro, impresso em papel, na bibliotheca publica de Lisboa.
>
> «Edição de 1521 — impressa por Jacob Cronberger — ha tambem um exemplar na bibliotheca de Lisboa. Vimos outro, incompleto, que possue o sr. A. M. Cabral, do Porto.
>
> «Edição de 1526 — é a de 1521.
>
> «Edição de 1559 — impressa em Sevilha por João Cronberger.
>
> «Edição de 1565 — impressa por Manuel João.»

«A esta recopilação feita pelo sr. Tito de Noronha, das differentes edições das Ordenações de D. Manuel, no seculo XVI, deve-se fazer a essencial correcção que

acima apontâmos, relativa á edição de 1526[1], por Germam Galharde, a qual existe, não obstante ser dada por *apocripha* pelo illustre bibliographo....

[1] Dias depois, em o n.º 2484 do *Conimbricense*, foi rectificada esta asserção, declarando o sr. Martins de Carvalho que verificara que, effectivamente, não existia a edição de 1526; mas que d'esta data era a *Ordenaçam da ordem do juizo*, que andava appenso á edição das *Ordenações* por Germão Galharde. Vide *Ordenações do reino* por Tito de Noronha, 2.ª edição, pag. 65 e 66.

III

Segue o artigo de Ribeiro Guimarães, no *Jornal do commercio,* n.º 5:244, de 19 de abril de 1871.

Mencionando o folheto do sr. Tito de Noronha e referindo-se aos exemplares da bibliotheca nacional de Lisboa, escreve o seguinte:

«... Cotejando o que diz o sr. Noronha com os exemplares da bibliotheca nacional, notámos algumas divergencias, quizemos apontal-as, e é este o motivo por que resolvemos escrever estas annotações.

«Parece-nos plausivel que a edição de 1514 se considere a primeira, porque na de 1539 se declara ser a terceira, e na de 1565 ser a quarta, sendo a segunda a de 1521. Abstendo-nos, porém, d'estas questões, vamos ao nosso proposito:

«O sr. Noronha conclue a sua monographia com este resumo das edições quinhentistas das *Ordenações do reino*

> «Resumindo o que temos dito, concluiremos fazendo resenha resumida, com relação ás edições conhecidas e suppostas das *Ordenações* de D. Manuel, do seculo XVI.
>
> «Edição de 1512 — não existiu.
>
> «Edição de 1514 — impressa por João Pedro de Cremona. Alem do exemplar impresso em pergaminho, existente no archivo real, ha outro, impresso em papel, na bibliotheca publica de Lisboa.
>
> «Edição de 1521 — impressa por Jacob Cronberger — ha tambem um exemplar na bibliotheca de Lisboa. Vimos

outro, incompleto, que possue o sr. A. M. Cabral, do Porto.

«Edição de 1526 — é a de 1521.

«Edição de 1539 — impressa em Sevilha por João Cronberger.

«Edição de 1565 — impressa por Manuel João.»

«Apresentaremos agora as nossas annotações:

«Edição de 1514 — Lisboa, por João Pedro Bonhomini; ha dois exemplares na bibliotheca nacional de Lisboa, completos, com todas as gravuras, e em magnifico estado de conservação.

«Em um dos exemplares falta o prologo; mas o outro, que o tem, é impresso a preto, e não a vermelho, como diz o sr. Noronha (pag. 29).

«Todos os livros são precedidos de uma estampa, excepto o terceiro, que tem duas.

«Damos nova descripção mais minuciosa d'estas gravuras, porque são curiosas, e a que dá o sr. Noronha é mui resumida.

«A gravura do 1.º livro representa el-rei, de corôa na cabeça, sentado no throno, vestido de armadura, com o manto real, e empunhando o sceptro, no extremo do qual parece prender-se uma fita com esta pretenciosa legenda: *Deo in celo, tibi autem in mundo* — como se dissera: *Deus governa nos altos céos, tu, porém, no mundo; — a Deus deve-se a adoração no céo, a ti, porém, na terra* — isto parece dizer o doutor, que de joelhos, com o seu gorro no chão, apresenta a el-rei um livro, sobre o qual o monarcha põe a mão, como em acto de jurar; póde ser, porém, que essa acção queira significar a apresentação das ordenações corrigidas e emendadas pelo dr. Ruy Botto.

«Ao lado direito do rei vêem-se os doutores, alguns com livros nas mãos, ou em acto de fallar, e á parte esquerda estão os alabardeiros. No alto da estampa, á direita, o brazão real, á esquerda a esphera armillar.

«Este 1.º livro, como todos os demais, tem na folha do rosto uma gravura, na primeira metade da folha, representando, da parte direita o brazão real, com o seu elmo, e sobreposta a corôa, e por timbre o dragão alado; e da parte esquerda a esphera armillar, tendo na eclyptica estas letras C. A. D. A. T. G.; e no pé, em que assenta a esphera, envolta uma facha com esta legenda: *Spera in Deo, et fac bonitatem.*

«A estampa tem uma cercadura de folhagens.

«A gravura do 2.º livro representa do mesmo modo el-rei sentado no throno, com o sceptro na mão, e de que prende a fita com a mesma pretenciosa legenda; á parte esquerda está um frade de joelhos, que apresenta ao monarcha um livro, no qual elle pega; d'esse lado figura-se o mar com os navios, e um homem a pescar; á parte direita vê-se um grupo de religiosos de differentes ordens.

«A parte inferior da estampa figura o campo: um homem vae lavrando com o seu arado, igual aos de hoje, outro está cavando, outro de pau levantado persegue as lebres, sobre as quaes correm dois cães. No alto, dos lados, o brazão real e a esphera.

«Este livro trata das leis e ordenações tocantes ás igrejas e mosteiros, privilegios d'elles, etc.; por isso, na gravura figuram os religiosos; trata tambem das herdades, reguengos, etc.

«O 3.º livro é precedido de duas estampas, com dois ramos; a primeira representa o rei sentado no throno, com o sceptro na mão esquerda, e nos dois dedos indicador e pollegar da mão direita sustenta a esphera e uma faxa com a já mencionada legenda. Esta estampa tem cercadura de folhagens e aves, uma figura de homem e o pelicano ferindo o peito para alimentar os filhos, divisa de el-rei D. João II, o que, por um instante, nos fez crer que a figura que está no throno poderia ser a da rainha D. Leonor, prestando-se o desenho da mesma figura a esta supposição.

«A outra estampa, que fica logo na folha seguinte, representa el-rei no throno, tendo na mão direita um rolo de papel, e na esquerda o sceptro, com a faxa e a legenda dita; á parte direita juizes e letrados, á parte esquerda o regedor e desembargadores; na parte inferior da estampa, dois escrivães, um alabardeiro de cada lado, e duas figuras que mostram ser, um procurador ou advogado e o seu cliente, levando aquelle um papel na mão, que parece querer entregar ao escrivão.

«Trata este livro da ordem do juizo e de todos os actos judiciaes do civel.

«A estampa do 4.º livro é ainda o rei no seu throno, empunhando o sceptro com a mão esquerda e sempre a mesma legenda; á parte direita differentes personagens; á esquerda outras figuras de burguezes, e entre ellas vê-se a cabeça de um cavallo; na parte inferior um popular, de cabeça descoberta para fallar ao rei e apontar para um fardo onde se lê — *paño;* — do outro lado vê-se um homem de joelhos a escrever, com o tinteiro pendurado de uma fita no braço esquerdo; vêem-se duas figuras, uma com um sacco de dinheiro entregando algumas moedas a outra, que se lhe vêem na mão.

«Este livro trata dos contratos, testamentos, prescripções, etc., o que explica a estampa.

«Na estampa do 5.º livro é do mesmo modo representado o rei no throno; á parte direita as figuras indicam ser de juizes; um d'elles falla ao rei; da parte esquerda parecem burguezes, um lê um papel e mostra um ar compungido: em baixo estão tres criminosos de joelhos implorando a clemencia real; um d'elles é judeu, assim o indica o desenho; têem todos grilhões ao pescoço e nos pés, e do outro lado vê-se um alabardeiro.

«O 5.º livro trata dos crimes, da fórma do juizo criminal e das penas.

«No mais a descripção apresentada pelo sr. Noronha é conforme aos dois exemplares existentes na bibliotheca nacional.

«Edição de 1521. — Evora e Lisboa, por Jacob Cronberger — ha um exemplar magnifico em a bibliotheca nacional.

«É conforme a descripção que apresenta o sr. Noronha, excepto na subscripção do 2.º livro. Transcreve o sr. Noronha a dita subscripção, na qual se diz que o mencionado livro foi impresso na cidade de Evora (pag. 39), e mais adiante, tratando em especial de Jacob Cronberger, refuta o que disse Antonio Ribeiro dos Santos, e insiste em que o 2.º livro d'esta edição foi impresso em Evora (pag. 46).

«Ora, no exemplar existente na bibliotheca nacional confirma-se o que disse Antonio Ribeiro dos Santos, porque a subscripção declara que o 2.º livro foi impresso em Lisboa. A subscripção textual é esta:

> «Aqui acaba o segundo livro das ordenações. Foy impressa em ha cidade d'Lisboa por Jacob Cronberger alemam.»

«Não comprehendemos este documento, porquanto o sr. Noronha viu por certo o exemplar que existe na bibliotheca do Porto, e ainda o que pertence ao sr. Vieira Pinto, e declara ter visto outro que pertence ao sr. Antonio Joaquim de Oliveira Nascimento; não é, pois, crivel que se tivesse enganado na leitura e na copia que havia de ter feito da subscripção; no entretanto a verdade é que não combina com o exemplar da bibliotheca, circumstancia que não sabemos explicar, mas que o sr. Noronha poderá mais facilmente examinar e dar razão d'ella.

«Edição de 1539 — Sevilha, por João Cronberger — possue um excellente exemplar d'esta edição a bibliotheca nacional. A estampa do rosto que representa o brazão real, parece ser a exactissima reproducção da que figura na edição de 1521, ou a propria, que é o mais natural.

«De João Cronberger são apenas os quatro primeiros livros; o quinto é da edição de 1521, indicando este facto que appareceu um exemplar na bibliotheca nacional, e no da bibliotheca do Porto, que João Cronberger não concluiu a edição, e esta se completou com o quinto livro da de 1521.

«A subscripção do 5.º livro, no exemplar da bibliotheca nacional, diverge da do exemplar da bibliotheca do Porto, como se vae ver. A subscripção no da bibliotheca é este:

> «Aqui acaba o quinto livro das Ordenações. Foi impresso em a cidade de Lisboa por Jacome Cronberger alemam, aos onze dias do mez de março, anno de mil e quinhentos e vinte e um annos. Deo Graçias.»

«Como se vê, o nome do impressor lê-se por differente fórma no exemplar da bibliotheca nacional, da que indica o sr. Noronha, e, alem d'isso, não é a subscripção seguida da rubrica indicativa de ser terceira impressão, como diz tambem o sr. Noronha.

«Comparando os caracteres typographicos da subscripção do exemplar da edição de 1521, com os da subscripção do exemplar da edição de 1539, conhece-se que são differentes, e portanto que foi uma nova impressão, e isto fica plenamente confirmado pelo exame comparativo da typographia e das vinhetas de todo o livro, que aliás se parecem com as da edição de 1521.

«Portanto, qual foi a causa por que se poz aquella subscripção com a data de 1521, na edição de 1539? Haveria alguma reimpressão, de 1521 a 1539, em que se reproduzisse exactamente a de 1521? Não sabemos dizel-o.

«Emquanto ao nome de Jacome, corresponde ao de Jacob; portanto, attribue-se a edição ao mesmo impressor da de 1521.

«O sr. Noronha deixou este ponto no escuro.

«Edição de 1565, Lisboa. por Manuel João.— A bibliotheca nacional de Lisboa possue um exemplar em perfeito estado, e não diverge da descripção que apresenta o sr. Noronha.

«O exemplar da edição de 1521 está assignado por João Cotrin e Christovão Esteves, e o da edição de 1539 pelo dr. Pero Jorge e Christovão Esteves.

«Queriamos fazer estas annotações para esclarecer o assumpto, e precisar o numero de exemplares que a bibliotheca nacional de Lisboa possue das edições quinhentistas das *Ordenações* manuelinas.

«São todos os exemplares magnificos. Os dois da edição de 1514 são dois monumentos bibliographicos, pela sua belleza.»

IV

Dois annos depois, em 1873, Tito de Noronha dava á estampa a segunda edição, e muito ampliada, do seu opusculo relativo ás *Ordenações do reino,* na qual respondeu ás sensatas observacões feitas no *Conimbricense* pelo sr. Martins de Carvalho, e no *Jornal do commercio* pelo sr. José Ribeiro Guimarães; e citou e transcreveu uma carta do finado marquez de Vallada ácerca de preciosidades bibliographicas que possuia na sua bibliotheca; uma nota a um artigo inserto no *Diario de noticias* de 28 de dezembro de 1870; e nova observação de Ribeiro Guimarães no *Jornal do commercio* de 21 de maio de 1871, em que se punha a claro, que não existia a edição completa de 1512, mas apenas os dois primeiros livros das *Ordenações,* impressos por Valentim Fernandes em 1512–1513, ao qual succedeu, por sem duvida, de parceria, João Pedro de Cremona, ou Bonhomini, a que devemos a preciosa edição de 1514.

Relativamente aos impressores dos seculos XVI e XVII é mui instructiva a leitura dos dois fasciculos de *Documentos para a historia da typographia portugueza,* que o sr. conselheiro dr. Venancio Augusto Deslandes publicou em 1881 e 1882. Ali se lêem, de pag. 1 a 6 curiosos documentos que respeitam a Valentim Fernandes, ao seu trabalho para a publicação das *Ordenações* em 1512 e á sua existencia em Portugal até 1516.

E já que citei o nome do sr. dr. Deslandes não devo deixal-o desacompanhado n'esta breve noticia, que não pude ampliar por falta de tempo. O actual administrador geral da imprensa nacional de Lisboa é, em linha recta, o legitimo representante do celebre impressor Miguel Deslandes, que veiu estabelecer-se em Portugal no terceiro quartel do seculo XVII. V. os *Documentos* citados, parte I, pag. 86.

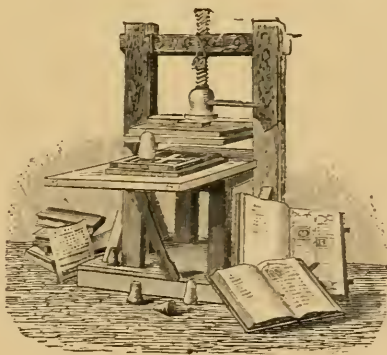
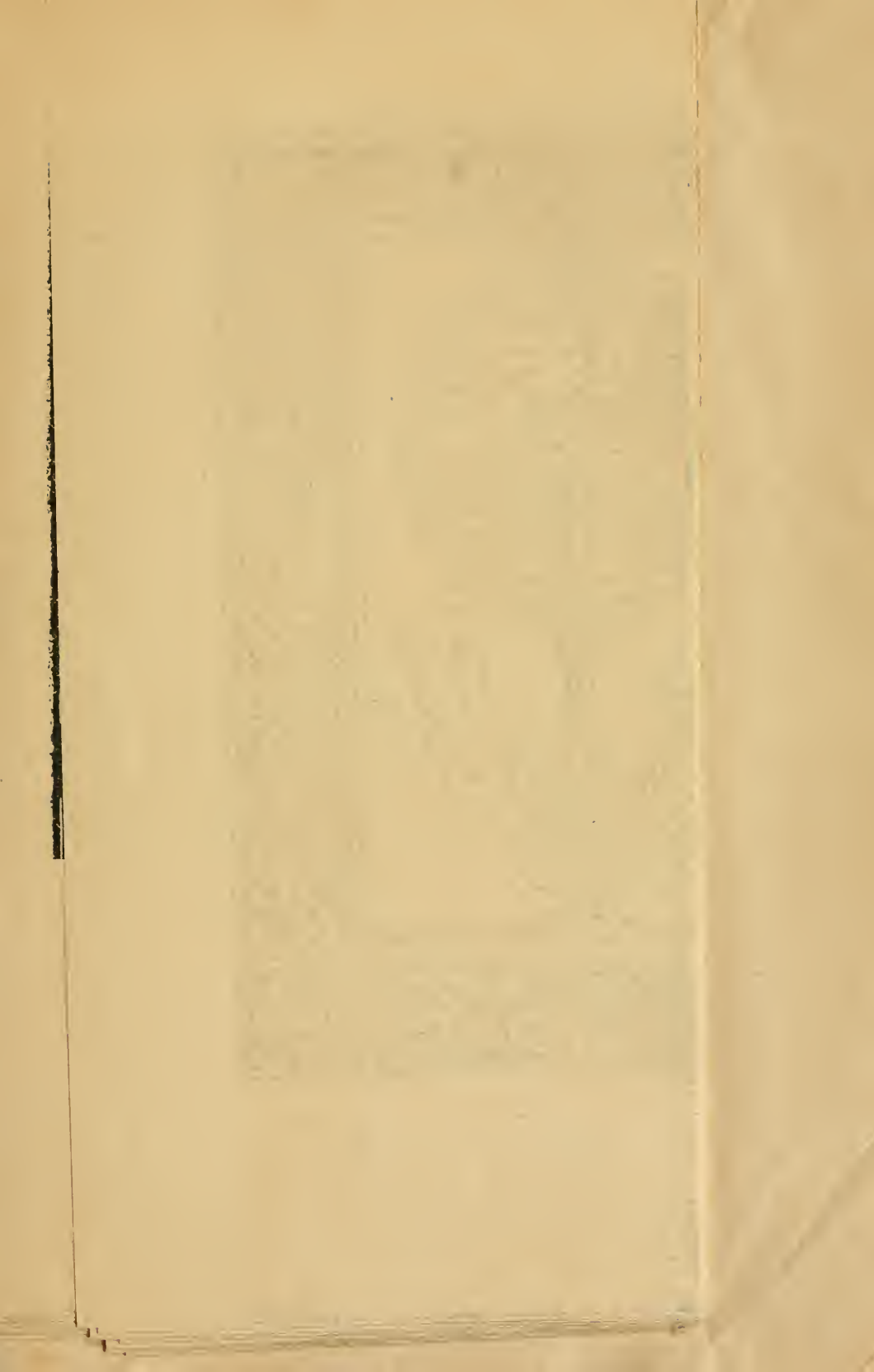
Entre os impressores mais notaveis do seculo XVI ponhamos os nomes de Jacob Cranberger (1508), German Galharde (1530), Luiz Rodrigues (1548), João Alvares e João de Barreira (1548), João de Borgonha (1550), Gil Marinho (1554), Christovão Nunes (1555), Fructuoso Pires (1557), João Blavio (1558), Luiz Martel (1583), Francisco Correia (1566), Antonio de Mariz (1572), Marco Lopes (1578), Gonçalo Fernandes Trancoso (1581), Affonso Lopes (1586), João Lopes (1588), Simão Lopes (1592) e Estevão Lopes, que imprimiu uma edição dos *Lusiadas* em 1595.

O da primeira edição do immortal poema de Camões foi, como se sabe, Antonio Gonçalves em 1572.

Completarei o que leriam acima de certo com o maior interesse os que amam ardentemente os estudos bibliographicos, dando, repito, a reproducção das formosas estampas que acompanham a discutida edição das *Ordenações*. Sem duvida é, posso declaral-o, embora com immodestia, um bom serviço prestado ás letras nacionaes nas suas relações com a historia e a arte; mas tambem confesso que tive a auxiliar-me, com a melhor vontade, os chefes da bibliotheca nacional e os chefes e artistas especiaes da imprensa nacional de Lisboa. Encontrei n'elles não só boa vontade, mas tambem enthusiasmo patriotico, porque o livro é quasi desconhecido e as reproducções photo-lithographicas nunca se haviam feito. Os *fac-similes* estão fieis e primorosos. São do rosto, a duas cores, e dos cinco livros das leis manuelinas da edição de 1514.

Concluindo:

Innocencio, o benemerito e illustre auctor do *Diccionario bibliographico,* cujos estudos tenho ampliado, possuia um bello exemplar da 2.ª (ou 3.ª) edição, de 1521, gothico, que foi arrematado no leilão dos seus livros pelo sr. Fernando Palha por 17$050 réis. Se apparecesse agora outro exemplar d'esta, ou da 1.ª (ou 2.ª) edição, de 1514, que ainda é mais rara e preciosa, seria vendida de certo por preço muito mais elevado. Estas preciosidades tornam-se cada vez de maior raridade.

A mesma edição, ou compilação, de 1521, foi vendida no leilão de Luiz de Castro, por 2$650 réis; a 3.ª edição de Sevilha, de 1539, por 10 libras e 10 shellings; a 4.ª edição, de 1565, gothica, no leilão do visconde de Juromenha, por 2$000 réis para o sr. João Ulrich; a mesma edição, com falta do rosto, no leilão da rua do Alecrim, em 1880, que se julgou ser de exemplares repetidos da bibliotheca do sr. Fernando Palha, por 1$200 réis.

Liuro primeiro das ordenações cõ sua tauoada ꝗ̃ asigna os titulos: ⁊ folhas: ⁊ tractase nelle dos officios de nossa corte: ⁊ da casa da soplicaçã: ⁊ do çiuel: ⁊ daquelles ꝗ̃ per nos teẽ carrego de ministrar dereito: ⁊ justiça. Nouamẽte corregido na segũda ẽpressam. Per especial mãdado do muy alto: ⁊ muy poderoso senhor Rey dõ Manuel nosso senhor: foy empremido.

¶ Com preuilegio de sua Alteza.

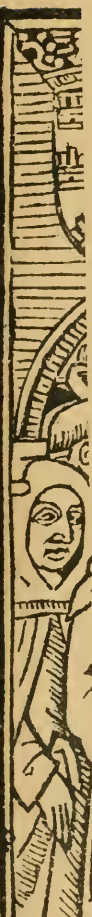
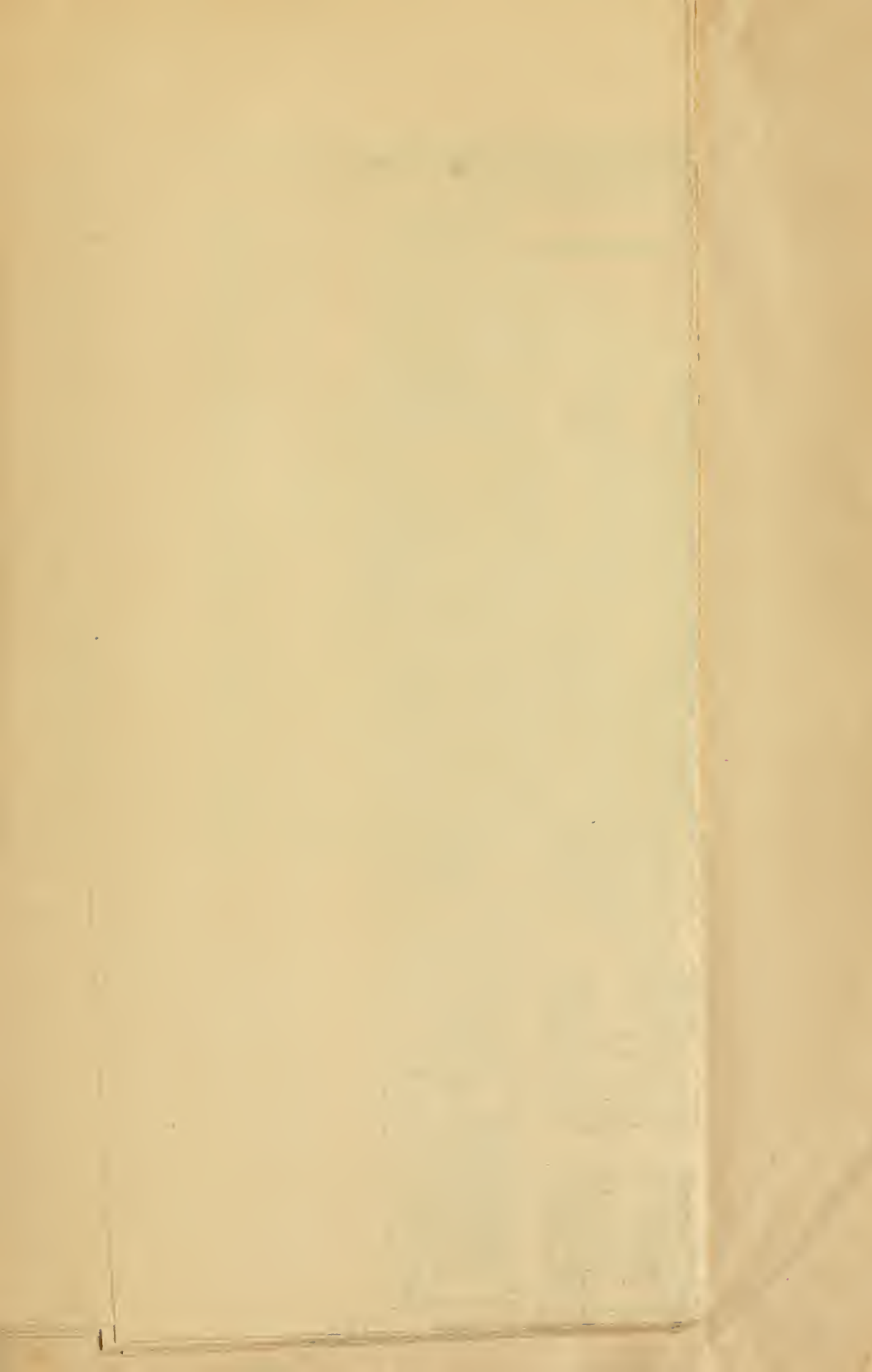
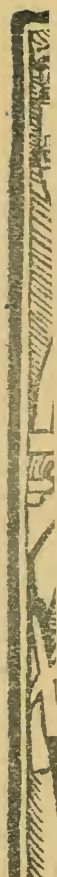
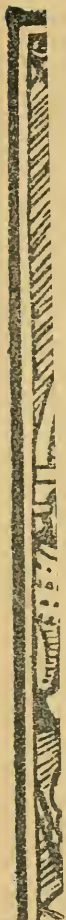
DEO·IN·CELO·TIBI·AVTE·IN·MVNDO

DEO·IN·CELO·TIBI·AVTEN·IN·MVNDO

DEO·IN·CELO·TIBI·AVTEM·IN
MVNDO
DO IN CELO TIBI AV

DEO·IN·CELO·TIB·AVTEM·IN·
MVNDO

DEO IN CELO TIBI AUTEM IN MUNDO
pano

DEO.IN.CELO.TIBI.AVTEM.IN.M
VNDO

Acabou de imprimir-se

Aos 16 dias do mez de Maio do anno

M DCCC XCVIII

NOS PRELOS DA

IMPRENSA NACIONAL DE LISBOA

PARA A

COMMISSÃO EXECUTIVA

DO

CENTENARIO DA INDIA